

# Cesário Verde

## Deslumbramentos

Milady, é perigoso contemplá-la,  
Quando passa aromática e normal,  
Com seu tipo tão nobre e tão de sala,  
Com seus gestos de neve e de metal.

Sem que nisso a desgoste ou desenfade,  
Quantas vezes, seguindo-lhe as passadas,  
Eu vejo-a, com real solenidade,  
Ir impondo toilettes complicadas!...

Em si tudo me atrai como um tesouro:  
O seu ar pensativo e senhoril,  
A sua voz que tem um timbre de oiro  
E o seu nevado e lúcido perfil!

Ah! Como m'estontêa e me fascina...  
E é, na graça distinta do seu porte,  
Como a Moda supérflua e feminina,  
E tão alta e serena como a Morte!...

Eu ontem encontrei-a, quando vinha,  
Britânica, e fazendo-me assombrar;  
Grande dama fatal, sempre sozinha,  
E com firmeza e música no andar!

O seu olhar possui, num jogo ardente,  
Um arcanjo e um demónio a iluminá-lo;  
Como um florete, fere agudamente,  
E afaga como o pêlo dum regalo!

Pois bem. Conserve o gelo por esposo,  
E mostre, se eu beijar-lhe as brancas mãos,  
O modo diplomático e orgulhoso  
Que Ana d'Áustria mostrava aos cortesãos.

E enfim prossiga altiva como a Fama,  
Sem sorrisos, dramática, cortante;  
Que eu procuro fundir na minha chama  
Seu ermo coração, como um brilhante.

Mas cuidado, milady, não se afoite,  
Mas cuidado, milady, não se afoite,  
Que hão-de acabar os bárbaros reais;  
E os povos humilhados, pela noite,  
Para a vingança aguçam os punhais.

E um dia, ó flor do Luxo, nas estradas,  
Sob o cetim do Azul e as andorinhas,  
Eu hei-de ver errar, alucinadas,  
E arrastando farrapos – as rainhas!

**Cesário Verde, O Livro de Cesário Verde**